N.º 49 (171) — 4.º ANNO

Terça-feira, 17 de Outubro de 1911

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

IMPRESSÃO A CORES
Typ. do Annuario Commercial, P. dos Restauradores, 27

Composto e impresso na typographia NACIONAL
38, Rua da Conceição da Gloria (á Avenida), 40

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO» Redacção e administração: R. da Rosa, 162, 1.º—Lisboa

Tem que entrar por força!

O ZÉ — Ora essa! póde entrar á vontadinha, isto é vosso, nao façam cerimonia!

As guerras

Desde a guerra santa, á guerra turco-italiana, passando pela guerra dos grêgos e troianos com o competente cavallo de pau, —o celebre cavallo de guerra que até fez callar Troia—passando pela guerra dos Gallegos aos fardamentos, pela guerra ao verde e encarnado de Guerra Junqueiro, e por todas as guerras da idade media e das creanças de tenra idade que montam em cabos de vassouras porque a familia acha que elles saiem ao tio general, em todas as guerras nós temos vindo a conceber a quéda que o genero humano tem para... a paz!

Na verdade, quer seja a Inglaterra, quer seja a America, quer seja a Russia, de vez em quando teem de dar provas ao povo, de que ellas trabalham, com força para a paz e para fazerem a paz... inventam primeiro a guerra. E apparece então o Transval, a Hespanha ou o Japão que se preparam para levar a sua tareia. A's vezes enganam-se as primeiras, mas em geral os minusculos apanham, e faz-se a paz e leva-se a civilisação e os pós de Keating a desinfectar os campos dos miasmas da morte.

Antigamente a guerra andava nos espiritos e faziam-se como a dos 100 annos; hoje como ha annos sem guerras, inventam-se, a protestos futeis.

Havia guerra como a das «duas rozas», (lá vai o leitor julgar que é a Roza engeitada á castanha á Rosa tyranna, unicas Rozas celebres do seu tempo, fóra as Rozas de todo o anno,) hoje quando muito á guerra dos Almeidistas com os Affonsistas. Hontem luctava-se pelo tributo, batiam-se, por suas damas, hoje ha a guerra aos fardamentos, e bate-se a gente com duas damas com ellas, que já nem o direito do duello ha, senão por intermedio d'um tribunal.

No entanto ha paizes para quem a guerra é sempre uma... gloria. A nossa visinha Hespanha, desde Aljubarrota, a Cuba, com os actuaes encontros thriumphaes com os «rifenhos,» encontros sempre victoriosos mas com o defeito de engulirem os milhares d'homens, que constantemente para lá partem, tem mostrado a valentia e a força, de «nuestros»... (ia a dizer «hermanos» mas hoje em dia... livra!) visinhos.

De resto, aqui para nós que ninguem nos ouve esta coisa de chegarmos alli á Africa pegarmos a pregar bordoada n'uns vandalos quaesquer é tudo quanto ha de mais «heroico» e «pouco vandalo.» Civilisação a «Mauser,» progresso a Krupp! O preto então é um desgraçado, chega lá um governador, quer-se governar, larga um imposto maior, posto em cima dos outros anteriores, sobre a palhota e se o preto que tambem ser gente se rebeldia, chega-se lá com uma ou duas canhoneiras e somos uns heroes! Quem faz a guerra é o fraco? Nunca. E' o forte!

Dão-se ás vezes anomalias n'esta regra evidenciada. Ha momentos de loucura em que se faz tudo; até a propria guerra; Nasce, então, a iconoclastia do sr. Faustino da Fonseca, fazendo guerra ao passado; nasce, então, a guerra do sr. Candido de Figueiredo ao «ph» ao «ch» ao «y» letra desnecessarias e á... dobrada; nascem então os paivantes.

Uma horde em desordem, maltrapilhos, ambiciosos commandados por um visionario movido pelo braço occulto do Jesuita! E, ora apontando-n'os D. Manuel, mais uma vez poltrão e hypocrita, dizendo que não quer ser rei por medo, ora chamando o D. Miguel,—dos caceteiros—que apparece então em scena, recitando aquelle monologo em que se diz:

Bolas para tanto chamar... Miguel! Miguel! Miguel! essa horde vem perturbar a vida nacional, fazer até victimas o que afinal é pouco, pouquissimo mesmo para os subditos do Papa.

Lembremo-n'os que S. Domingos, para a Tomada de Béziers pelos cruzados de Montfort, conduziu a 200:000 o numero de cadaveres! E Torquemada, um bom filho de Deus, só elle queimou vivos 10.220 hespanhoes e condemnou a carcere penitencial, 37:371.

As guerras do catholicismo, enchem de victimas a Historia que nos revoltam e fazem odiar a santa fé.

E o representante de Christo, aquelle bom Christo que só tinha doçura e bondade, o Pápa, não tem duvida em concordar e fazer votos para que o exercito italiano vença e dê cabo d'um bom par de ottomanos! E' a religião? Não.

E' que elle vê os povos latinos abrirem os olhos e acautella-se. Explorando o patriotismo, a monarchia vencedora consolida-se. A Hespanha inventou uma revolução em que o governo só tinha uma coisa a fazer e certa: matar e prender. Affonso XIII continua a ser «um rei que sabe reinar; na realidade aquillo é muito reinadio!

E para isto ha Theophilos Bragas, Victores Hugos, Emiles Zolas, Tolestoes! E para a cada passo se abrir um matadouro humano, reunem meia duzia de sabios em Haya a resolver o problema do raminho d'oliveira.

Nós é que nos não fiamos já n'isso, porque aprendemos com aquelle grande apostolo de Ideal Futuro, Tolstoi, a fazer as considerações á cerca dos congressos. Dizia elle:

«Se eu disser a um homem dado ás bebidas, que não deve embriagar-se mais, «posso esperar que siga o meu conselho, «mas se lhe disser que a embriaguez constitue um problema difficil e complexo, que «nós, os sabios, reunidos em assembléa, «tentaremos resolver, tudo faz esperar que «o homem continuará embebedando-se, em- «quanto o famoso problema se resolve.

«O mesmo succede com os processos «complexos e scientificos, puramente exte- «riores e falsos, empregados para fazer «desapparecer a guerra. Taes são os tribu- «naes de arbitragem, as conferencias inter- «nacionaes de paz e outras frivolidades «etc.»

E á cerca de Guerra Civil em Portugal, descancem os leitores que não haverá senão a de Hermano Neves nas montras dos Livreiros a qual se trouxer consequencias funestas serão talvez apenas... para o editor!

Lisboa 15-X-911

FULANO DE TAL.

♣

'Tás a ver...

Diz o orgão do heroico jornalista da rotunda.

«... o que lá vae, lá vae! Foi um anno perdido, um rozario de asneiras, um amontoado de tolices.»

Olhe collega: e para o anno torna a gente a dizer: ...o que lá vae, lá vae! Foi um anno perdido, etc. E para o outro anno a mesma coisa, e para o outro a mesma coisa, e assim successivamente, como diz o Zé Estevam da Republica, o grande Celorico Gil!

A gente está a ver que isto nunca mais se endireita...

REI CHEGOU!...

Já chegou a monarchia,
Ta tá tchim pó pó pó pó!
Reina a paz, reina a alegria.
Sempre d'uma banda só!
Foi proclamada em Avô!
Foi restaurada na Avó!
Nada assim se proclamou,
Pá pó fi ó fi ó dó!
Ai, ó i ó i ó ai!
Siga tudo, siga bem!
Vão proclamá-la no pae,
Vão restaurá-la na mãe!
Vae a nau a todo o panno,
E hão de vêr, que p'ra a semana,
Encaixá-la vão no mano!
Enfiá la vão na mana!...
Suspende o riso, Filêna,
Deixa ouvir a miha vós!
Ha de vêr se ainda outra scena:
Mettê la em tias e avós!...
Em sobrinhos e sobrinhas,
Em cunhados e cunhadas,
Nos padrinhos e madrinhas,
Afilhados e afilhadas!...
Vae ó linda, vae ó linda,
Que eu vou cantar á rufia,
Ha de proclamar-se ainda
Mesmo na mana da tia!
Brinca tu, que eu já brinquei,
Qual de baixo, qual de cima,
Ainda ha de vêr-se o rei
A metter-se pela prima!...
E o reisinho que é nm mimo,
Siga sempre a reinação,
Vae brincando mais o primo
D'arcosinho e pau na mão!...
Siga ávante siga ávante,
Pstarim ó pstarim!
Vae rainha, vae infante,
Vae brincar para o jardim!...
Vão as damas e os valetes,
Todos vão a dar ás sólas,
Com os arcos e as raquetes,
Mais as bólas, bólas, bólas!...
Vão tambem servos da egrêja,
Brinca a sóta, brinca o az,
E mais o Bispo de Beja,
Que vae d'arcosinho atraz!...
Eis aqui a monarchia,
Restaurada por um fio,
No avô, na mãe, na tia,
E na... sógra, sôgro e tio!

13-10 911

♣

AI, UM HOMEM!

«O Intransigente» diz que o sr. «Roque Teixeira é um homem» (!) e que ao vel o partir sentiu «um pouco mais do que a tristeza d'uma separação,» sentiu «a amargura de vêr partir um homem...»

Deve ser o que se chama uma belleza d'homem para «O Intransigente» ficar assim tão amargurado!

Admiravel!

Vinha «O Berro» a berrar que a republica não tem aberto as escolas que promettera.

Ora essa! Ainda outro dia vimos uma mulher com duas creanças no calabouço do Governo Civil.

A Cadeia é uma bella escola para a infancia!

Fitas batidas

Ora até que emfim tambem nos chamaram «thalassas»!

Ora essa! Pois nós somos mais do que tantos desgraçados que n'este paiz unico teem sido apupados, corridos e apedrejados porque a multidão que não sabe o que faz porque não pensa o que faz, lhe tem dado na gana apupal-os e correl-os, como aconteceu áquelle infeliz que ao desembarcar ahi n'um caes foi victima de grande assuada e depois se reconheceu ser um anarchista, um homem com ideias modernas de justiça e liberdade e portanto incapaz de ser um «thalassa?!»

Por ventura somos nós mais do que aquelle desgraçado, que, n'uma festa democratica realisada no Colyseu dos Recreios, foi accusado de «thalassa» e moido de bordoadas vindo depois á tribuna um orador declarar que elle era carbonario e se tinha batido na Rotunda?!

Claro que não. Tambem nos devia chegar a vez e chegou.

Foi em Santarem. Nunca fomos «thalassas» em Lisboa mas fomos sel-o a Santarem assim como o Padre Santo ainda ha de vir um dia a Lisboa para cantar o fadinho.

Não tirámos o chapeu á «Portugueza» quando a tocaram no Passeio da Republica e prompto! Toda aquella gente (aparte os ajuizados é claro...) cahiu em cima de nós a chamar-nos «thalassas» e «paivantes» e a querer-nos engulir com botas e tudo.

Fo medonho!

Mas, ó meninos, onde é que está a falta de respeito a uma coisa ou uma pessoa quando se lhe não tira o chapeu?

Já em tempos um illustre articulista (se não estou em erro o sr. dr. José de Magalhães) em resposta a um bi-semanario que, segundo s. ex.ª dizia, ou era tolo, ou tolos considerava os seus leitores, provou brilhantemente em dois suculentos artigos publicados na «Lucta» que o descobrir-se a gente a qualquer pessoa ou coisa não significa respeito algum.

Effectivamente que respeito póde ter por exemplo a pessoa que se descobre sorridente e reverente á senhora que passa pelo braço d'um cavalheiro e se vira depois para os amigos e lhes diz apontando-a:—aquella é esta, é aquella; fez isto, fez aquillo?!

E que respeito é tambem o do marau que se descobre a um enterro que passa (onde até póde ir um cadaver sem cabeça, como aquelle do caso da morgue, sem que os que lh'a deceparam sejam considerados como desrespeitadores) sim, que respeito tem esse sujeito descobrindo se para contentar a familia do morto e não faltar ás conveniencias e dizendo depois para si:—Que vá para o raio que o parta! Já devia ter morrido ha mais tempo! Estava cá a fazer o pão caro?!

Que respeito consagrará ao hymno nacional o «thalassa hypocrita que, antes do que ninguem, se descobre?!

Só se a hypocrisia é agora considerada respeito!

Isto de nos descobrir-mos ás coisas é como o luto. Velharias, convenções, preconceituosas que nada significam.

Onde está a dor? Está no coração ou no fato? Onde reside o respeito? Em nós ou no chapeu?

Ora bolas!

Pois não será muito mais respeitoso cada qual deixar-se estar como está, sem tirar o chapeu, nem puxar pelo lenço, ou descalçar a bota (o que, —não se vão admirar, —teriamos de fazer, se os nossos avós o tivessem convencionado como manifestação de respeito e acatamento) e ficar respeitando, se respeita, e não respeitando, se não respeita, mas não se manifestando de maneira alguma?

Não será isto muito mais racional e proprio d'um regimen de liberdade, onde se não póde obrigar ninguem a fazer isto ou aquillo, sob pena de attentar contra as «libardades» do pacato cidadão?

Acaso nós todos quando não nos descobrimos a uma procissão ou a qualquer coisa religiosa, a deixamos de respeitar?

E os «touristes» inglezes esses homens que melhor do que ninguem comprehendem a liberdade e respeitam as crenças alheias, quando entram nas mil cathedraes do mundo de binoculo em punho e boina na cabeça (como nos conta Ibañez na sua «Cathedral») não teem todo o respeito pela religião?

E que somos nós menos do que as senhoras que não arriam as rodas de carroça quando sôa a «Portugueza»?

Nós temos de respeitar sem chapeu e ellas respeitam com chapeu e tudo?!

Ora abobora meus senhores!

*

Nós não conhecemos o decreto que regula o funccionamento e a hygiene das padarias, porque não o lemos, e não o lemos porque sentimos um horror instinctivo a tudo quanto seja papeis com artigos e paragraphos, a toda essa batice complicada de decretos, leis e portarias que saem como abelhas do cortiço governamental.

Mas perguntamos aos interessados e aos conhecedores:—Não haverá no decreto do mestre Camacho qualquer disposição que obrigue as padarias a terem escarradores?

E' que nós sabemos ahi d'uma padaria onde o pessoal escarra no chão e na parede que é uma coisa por demais com respeito a porcaria, e uma coisa «por demenos» no tocante a hygiene.

E a proposito: o decreto não ordena umas vistorias sanitarias? E se não as ordena não ha ahi um Conselho Superior de Hygiene ou não sei que?

Vejam lá isso, ó meninos!

*

Queixando-se da injustiça com que o ministro da guerra procedeu para com muitos dos revoltosos de 31 de janeiro, não os reintegrando no exercito portuguez, recebemos d'um ex-soldado do extincto regimento 10 de infantaria, uma carta em que, pedindo-nos desculpa da sua «falta de ortographia», se lamenta da sua sorte e da dos seus companheiros, soldados que, como elle, se sacrificaram pela republica.

Está desculpada a «falta de ortographia» meu caro amigo.

Para dizer da nossa justiça não se precisa das ortographias adoptadas ou não adoptadas d'uns sabios que, sendo sabios não se entendem com tanta sabedoria, como para gritar que se tem fome não se necessita de floreados de rethorica á Antonio Zé d'Almeida.

Você tem razão no que diz e não precisa de mais nada para que todos tenham de reconhecer-lha.

A republica tem feito injustiças e ha-de continuar a fazel as (e que felizardos seriamos se as não fizesse!) porque nunca vimos estado algum que as não commettesse. Uma coisa são os rotulos dos regimens (por mais democraticos que sejam) e outra são as suas liberdades e justiças, talqualmente como uma coisa são as falacias de qualquer palrador e outra muito differente são as suas obras.

Aquelle soldado do seu regimento que era protegido e todas as noites tinha licença, que foi dormir a noite de trinta de janeiro a casa da familia, que veiu para o quartel ás 9 horas da manhã do dia 31, e que, como paga de andar n'esse dia com uma arma que lhe metteram na mão a prender os soldados revoltosos, se encontra agora reformado com dois tostões cada dia, é o prototypo do adhesivo.

Você e os seus companheiros quizeram dar a vida pela republica, foram condemnados a annos de degredo para a Africa d'onde voltaram minados de febres e de saudades pela familia (e quantas d'ellas na miseria!), mas podem estar hoje a morrer de fome, que o Estado não se lembra de vós, apesar de, como declara na sua carta, continuarem, como bons republicanos que são, a amarem a republica sem desanimo.

O outro dormiu a noite da revolta no seio da familia, veiu ao outro dia prender os soldados revoltosos e recebe agora duzentos réis cada dia!

Então que quer você? O mundo é dos velhacos, dos hypocritas e dos vendidos.

A revolução de outubro tambem nos deu muitos heroes que dormiram a noite em casa da familia, e ao outro dia appareceram encaixados nos ministerios!!

E' assim a porca di a vida...

Enrelvem-no...

A Camara Municipal vae mandar enrelvar o Terreiro do Paço, segundo a proposta do sr. Grandella.

O' senhores vereadores, não seria bom collocar tambem um relvadosinho no frontão? Era mais ao natural...

NOJENTOS!

Pisastes finalmente os campos 'stremecidos,
Terra de vossos paes, a vossa Terra emfim,
E ás tolas pretenções d'uns brutos aguerridos,
Respondem, gargalhando, os toques de clarim!

Que louca phantasia a vossa e que ruim!
—E' a agonia vil dos loucos pervertidos!...
Não reparastes já que uns perfidos assim,
Antes de combater, não são mais que vencidos?

E viestes então, cambada inconsciente,
Anavalhar a paz, o doce «far-niente»
Da patria vossa mãe! foi tragico o embate!

Caterva de imbecis, heroes de gemma d'ôvo, (*)
Desprezivel dejecto, escarro d'este povo,
Nem sequer mereceis um tiro que vos mate!

(*) Para não dizer outra coisa...

A CALHAR!

O sr. Machado dos Santos rematava um artigo com estas palavras:—Juizo e Justiça —Paz e Concordia.

Ora aqui estava um bom titulo para uma sociedade philarmonica!

O Zé que chuche

Na China andavam muitos jornaes a berrar contra o governo por causa da constituição, mas assim que elle ameaçou com as tropas... vira-te catavento!

Para bordoada lá estão as costas do Povinho...

Um arco triumphal para o nosso paladar

Projectos do arco triumphal e carro alegorico, que o governo da republica vae mandar construir para a entrada solemne da monarchia em Lisboa!

Eureka... Eureka!

Finalmente, vemos, confirmadas pelo orgão do ex-ministro do interior durante o periodo revolucionario, as previsões, que, temos nas columnas do nosso jornal registado e trasido ao dominio publico e que até hoje, ninguem ousou refutar. Eureka, não cessaremos de bradar, e dizer como o celebre philosopho—saber esperar é uma grande virtude.

Ainda ha pouco, fasendo nós algo de doutrina, demonstramos com aquella eloquencia que só os factos possuem, quanto foi pernicioso para o paiz e para a republica, a entrega das redeas do governo da nação, aos idolos do povo que para destruir, para evangelisar a doutrina do crédo republicano, para levar a multidão á praça publica de arma na mão para desmoronar um throno, tiveram que ludibriar, que offerecer benesses que bem sabiam o paiz não lh'as podia conceder, dada a sua situação vergonhosa e decadente, moral e financeiramente fallando. A contingencia alguma se attendeu, o poder era tudo; que importava os compromissos tomados, que importava a grandeza do ideal ámanhã derrubada pela descrença e ameaçada á segurança da republica pelo despeito dos que não vendo satisfeita a sua ambição, se tornassem inimigos dos idolos que os ludibriaram; d'esses idolos, que foram os primeiros a trair a sublimidade da doutrina de que se diziam porta estandartes, d'esses idolos, que não ignoravam que a maior parte do paiz os desconhecia, que a grande somma do povo portuguez, sabia tanto definir principios democraticos, como elles souberam provar conhecer a sciencia de governar os povos! Ainda, que fosse a multidão quem, no auge da embriaguez ou da loucura que d'ella se apossou quando, no Largo do Pelourinho bradava: Viva a republica, viva a patria livre, os tivessem aclamado para seus governantes, só lhes competia declarar a sua incompatibilidade e demonstrar a essa multidão, que o seu logar, era na tribuna da propagação dos ideaes nos cantos mais reconditos da sua terra! Nada d'isso se fez e ahi temos hoje, o paiz, a pagar bem caro o egoismo d'uns e a incoherencia d'outros. Bem sabemos, e talvez melhor que ninguem, quanto custa fallar assim, é duro, mas mais doloroso é ser um facto, o crime que a ambição os levou a praticar.

E como se ainda não bastassem semilhantes razões, vem no fim d'um anno de existencia da republica, de esperança d'uma vida nova, d'uma vida de rejuvenescimente, a lucta da divisão dos homens pelo odio, pela ambição e o que é mais doloroso, pela inveja do prestigio popular, como se o prestigio, não fôra como a espuma do mar, o vento o traz o vento o leva!

Como é fragil o barro humano, como é nulla a existencia do homem ante a existencia do ideal!—a humanidade baqueia, o ideal caminha a par do progresso tendo como guia a evolução!

Grande foi a ambição, mas mais dura foi a experiencia que ao paiz e ao povo, cara ainda ha-de custar. E' por falarmos assim sempre, que nos apedrejam ainda hoje, mas ninguem nos perguntou se temos necessidado do almoço, ainda não vimos um só d'esses patriotas que, em nome de sacrificios (?) mysteriosos, abancaram ao repasto succulento que a republica lhes atirou, vir a publico desmentir a rasão da doutrina que temos semeado em tantos jornaes; e elles, bem sabem por se calam, e muitos, porque emudecem de espanto! Confiemos na justiça do tempo e prosigamos sempre na lucta porque— á constancia se deve toda a gloria. Soubemos esperar, para hoje sabermos tambem rir, tambem julgar.

Como se não bastasse o tempo, esse incomparavel mestre, para fallas da rasão que nos assistia quando verberamos a subida ao pinaculo da governação dos idolos da então doutrinaria republica, vem hoje, «A Republica,» orgão do tribuno querido, dizer, pelo talento brilhante, pela pena erudita de Alfredo Pimenta, que a provincia, se mantem fria, receiosa e duvidando da republica! Eis a previsão que fizemos, a surtir os seus effeitos. Portugal, para os paladinos, é coisa de nimia importancia porque se resume a Lisboa, e a provincia, é razão inutil e de somenos existencia.

Assim se procedeu com a colonia portugueza no Brazil e, quando em 1909, alvitramos a ida ali d'uma missão intellectual para doutrinar e unificar a colonia, trataram-nos por idiota quasi e não houve difficuldade que não objectassem.

Hoje, que sabemos quanto é duro o saber, quando o saber nos é inutil, não cessaremos de bradar:

«Rirá bien qui rirá dernier».

ARIEJNARAL

Ao correr da fita

—Safa! Cheguei a casa estafada!

—Onde foi?

—Fui vêr a chegada dos conspiradores.

—E não me disse nada!

—Já era muito tarde, por isso não a chamei.

—E que tal, veem muitos?

—Sabe lá! E' uma d'estas maltas...

—Sério?

—Parecia que não acabava! De padres, então, não se falla!...

—Vinham talvez ao enterro da monarchia...

—Enterrada está ella ha muito...

—E além dos padres?

—Eu sei lá! Até vinham condes, visinha...

—Que patifes!

—Vinham sujeitos muito bem postos, mas a maior parte era de pobres. Via se mesmo...

—Sim?

—Trasiam cara de fóme!

—Um, então, coitado, até fazia pena olhar para elle! Amarello como cidra!...

—Se calhar tinha a barriga a dar horas!

—Pois tinha! Eu ia levar o jantar ao meu homem. Tive dó do desgraçado, quasi que chorei...

—A visinha tem muito bom coração...

—Isto é de familia. Olhei para a panella da sôpa e disse commigo:—«O meu deve ter fome, mas este infeliz deve ter mais ainda!» Não poude resistir e passeilhe a panella para as mãos!...

—E elle?

—Assim que lhe apalpou o fundo e sentiu o calor, até córou!...

—E comeu a?

—Ia para fazer isso, mas parece que se envergonhou de comer na rua no meio dos soldados... Pediu licença ao commandante...

—E depois?

—Foi comer a sôpa n'uma escada...

Sarrabulho!

Afinal o marau Paiva Couceiro
Não é tão tolo como a gente o diz,
Pois perturbar o nosso bom paiz,
Jurou o e conseguiu-o, esse matreiro.

Se aos thalassas di lá palmou dinheiro
Com os di cá não foi menos feliz,
E assim com o espantalho do petiz
Alvoroçou todo um paiz inteiro!

Eu nunca vi tão grande trapalhada!
Para uma tropa que não vale nada
P'ra gente como o Paiva, nada teza,

Mobilisou se tropa até mais não
E andou ao largo a consumir carvão
Toda a valente esquadra portugueza!!

VIU SE GREGO

ORA O DIADO!

Dizia o «grande» Ali bábá em «A feira»...

«Portugal, que era a meu ver
Um algoz da monarchia,...»

O' seu Zareta do diabo, então Portugal é que era o algoz da monarchia, ou ella é que era o algoz de Portugal?

—Saber-se quando é que salta de lá essa tão decantada e promettida lei das acumulações.

—Achar se o paradeiro de certas syndicancias com que o governo «se fechou».

—Vir á luz os estatutos que dois distinctos litteratos e dois não menos distinctos caricaturistas ficaram de elaborar para a associação dos humoristas.

—Fazer-se um calculo de quantas cabeçadas os jornaes republicanos ja teem dado uns nos outros de 5 de outubro para ca.

—Saber-se quando é que o sr. Paiva Couceiro deixa de brincar ás escondidas com a republica portugueza.

—Haver governo mais prudente do que o nosso que está com medo de dar tiros a dois kilometros da fronteira, emquanto que a Hespanha não tem medo, nem vergonha de nos hostilisar ajudando os conspiradores descaradamente.

—Deixar de ter muita graça aquelle caso de irem pôr uma lapide em Alemquer, no sitio onde se encontrava o pae Bernardino, quando rebentou a Bernarda.

—Saber se quantas lapides se colocariam debaixo das camas, se se fosse a colocar lapides nos pontos onde se encontravam muitos heroes da republica, quando foi da revolução.

—A «mulher electrica» Ser menos massadora, e dizer quanto custou o relogio e quando vae para Faro.

—A «Filha modelo» dizer se está melhor dos mimosos dedinhos.

—A «gata sabia» não beber tanto leite e e dizer qual o motivo porque não veiu a Isabel.

—Os ratos e ratas não apoquentarem tanto algumas damas de Messines.

—O «Perna triste» dizer se está melhor... da perna.

—O «Capadinho capadão» deixar de falar á «menina modelo».

—O Lisa dizer em que alturas param as modas.

—O «Já te bieste» dizer que tal vão as ra...

—O Zé não fallar mais do «canarinho.»

—A Mulher electrica deixar de fazer versos á lua?

—A Mulher electrica diser o nome de certo desconhecido de binoculo com quem esteve de conversa no Largo da Republica.

—O José Bufa diser que sim.

—O «Capadinho» e Capadão corresponder á filha «modelo.»

—O Sacca de pei... deixar de pedir dá cá a regua Isabel.

—O canarinho ser homem de bem e diser tambem que sim.

—A Mulher electrica diser de qual gosta mais, se do rapaz da «Lisa» ou do «canarinho.»

—O Zé não dar por emquanto as noticias de maior sensação.

O contrario...

Remate d'um artigo de fundo d'A Lucta:

«Ora...

«E acordamos.»

Pois comnosco succedeu o contrario. Quando acabamos de lêr o artigo pegámos no somno que nem uns justos!

A vida de Luiza

(Excerpto d'um interessante romance original de «Zé Pimenta.» A acção do novo livro é muito movimentada, cheia de peripecias homoristicas e de scenas de alta dramatologia que collavam ás mil maravilhas no palco do antigo Principe Real).

....

....

Lançada repetinamente no movimento das grandes cidades Luiza estranhava-se quando ao sahir de casa olhava para o espelho e se via com os mais ricos e luxuosos vestidos adornados pelos enfeitos mais garridos.

Na verdade, não tinham sido um bello passo os seus amores com Estevão Neves? Esta interrogação fazia ella sempre ao subir ligeira para o auto que a conduzia ao theatro.

Agora que Estevão afrouxara as suas visitas Luiza frequentava todas as noites as casas de espectaculo na ancia de encontrar um outro Estevão que substituisse o Neves quando a completa retirada d'este fosse um facto. N'essa epocha quasi todos os theatros de Lisboa estavam abertos e Luiza só se embaraçava com a escoha do preferido para essa noite, pois todos os espectaculos eram de molde a proporcionar-lhe uma noite bem passada.

Fôra assistir á inauguração da epocha de inverno do **Colyseu dos Recreios** ficando verdadeiramente assombrada com o explendido programma que teve occasião de gosar. Luiza admirava-se de como era possivel reunir n'uma unica companhia tão optimos elementos e, da grande multidão que correra a festejar a nova compahia do **Theatro do Povo** que fiel ao seu programma continuava a proporcionar ao publico os melhores espectaculos pelos preços mais infimos. Não lhe escapara a revista «Ventas de Patrulha» e della trouxera uma grata recordaçõo. Como pelo titulo julgasse ir encontrar qualquer coisa que lhe recordasse a sua vida passada, não faltara Luiza á premiere do «Chico das Pêgas» no **Apolo** e d'isso só teve motivo para se felicitar pois que assistira a um espectaculo cheio de enthusiasmo e alegria e á representação de um dos melhores originaes portuguezes dos ultimos tempos. No dia seguinte quando acordou pegou no jornal e viu annunciado no **Gymnasio** «Os direitos da mulher»; Luiza deu um salto na çama e disse:

—Oh! Hei-de lá ir!

Não era facil que depois de formular uma tenção a não cumprisse e assim á noite estava Luiza resplandescente n'um camarote de primeira ordem do **GymnasiO** admirando uma chistosa comedia n'um acto, original portuguez, cuja representação foi coroada por uma unisona salva de palmas. Ao recolher a casa quando atravessava a cidade comodamente reclinada no seu «Peugeot,» Luiza já destinava a noite seguinte. Que diabo! Não apparecia o tão desejado Estevão que viria occupar o logar do idem aspas Neves, pagando os respectivos emolumentos. Resolveu ir pedir um conselho á madama Brouillard mas antes d'isso iria ao «Peço a palavra» e por isso ella lá foi ao **Variedades** e se fartou de rir na noite seguinte, Brouillard aconselhou-a a não fraquejar. Que fosse todas as noites ao theatro e o tal cidadão appareceria. Da consulta foi Luiza ao **Avenida** comprou um camarote e á noite lá estava a deliciar-se com a explendida voz de Adriana de Noronha que foi muito festejada na sua estreia, e no dia seguinte mandou ao chaufeur que a conduzisse ao **Rua dos Condes** onde foi presencear a representação de «Vá p'la esquerda» que achou uma revista muito soffrivel. Esgotados os theatros Luiza começou a frequentar os animatographos, onde nunca puzera os pés, e assim ella ia na mesma noite ao **Salão Trindade** gosar um pouco do magnifico programa que a empreza confeccionara anceosa por bem servir o publico e que Luiza entendeu ella conseguir sem favor algum, ao **Chiado-Terrasse** onde as fitas eram de uma actualidade flagrante, ao **Olympia** onde as fitas de sensação se succediam ininterruptamente, ao **Foz** onde os numeros de variedades eram tão bellos para distrahir o espirito, ao **Central** que caprichava em apresentar fitas coloridas de optima execução e ao **Loreto** onde se riu imenso com as fitas faladas apresentadas n'este salão e que causaram successo na cidade.

Um dia porem Luiza começou a preocupar-se mais com a sua vida que de um momento para o outro se lhe annunciava algo periclitante se teimasse em só querer viver com grandeza. Como uma ultima tentativa Luiza resolvera ir ao **Colyseu dos Recreios** a ver se lobriogaria o tão desejado cavalheiro. Não lhe sahiram errados os seus calculos pois que o futuro Estevão Neves lá estava sentado n'um fauteuil deliciando-se com o maravilhoso espectaculo que a emproza organisou para aquella noite.

Mas Luiza não se sentia ainda satisfeita; e não se sentia satisfeita porque...

....

(Quem quizer saber o resto compre o livro. Pelo dedo se conhece o gigante, e por esta amostra veem os nossos leitores que A vida de Luiza é um livro que... emfim merece ser comprado.)

♣

Pequenos reparos

Quando levantamos a vista, ferida pela analyse que nos fornecia a mizeria que dia a dia recrudesce n'esta capital banhada pelo seu sereno Tejo, procuravamos deparar com um gesto ainda pequeno que fosse, deixado pela arte e pelo gosto, por esses arruamentos onde, se engalanaram as paredes dos moradores que, como bons cidadãos, quizeram cortejar a passagem do primeiro anniversario da redempção da sua patria!—Ta! não succedeu, e, se a indigencia se estorgia silenciosamente nas agruras da sua mizeria, menor não era a indigencia que ostentavam grande parte das ruas onde, se dizia, haver ornamentações festivas.

Nunca esperamos, ter de assistir a uma fallencia assim do gosto artistico e decorativo do alfacinha que, provou não ter nascido para semilhantes commetimentos; ruas vimos que nos deixaram a impressão de assistirmos a um arraial de Sarilhos ou Fanhões, o que representa o estado de decadencia e de atraso em que nos encontramos.

Foi uma vergonha, esse estendal de mizeria artistico que por ahi se exibiu; qual não seria o ridiculo se, como se esperava, fossemos saudados no Tejo, pelas esquadras d'essas nações poderosas, que não se recordaram que em 5 de outubro de 1911, passava o primeiro anniversario da libertação de Portugal do jugo dos Braganças e dos Orleans! Como é triste ser pobre e pequeno, que ao menos, o futuro nos saiba erguer bem alto e nos torne dignos e respeitados.

Como compensação, á falta de gosto, presidiu o individualismo por essas ruas e, em logar de depararmos com symbolos que bem definissem e ensinassem o povo a ver e a comprehender o que era a republica, a cada canto, viamos lançado ao vento da fama, um heroe, um idolo, um estadista, finalmente, creaturas que ninguem é capaz de nos dizer a razão de tal celebração.

A rua dos Fanqueiros, em rabos de bacalhau, celebrisava certos enfatuados; não se comprehende, como ao lado de nomes como os de Camões, Herculano, Theophilo Braga, Bazilio Telles, Agostinho Fortes e tantas outras notabilidades e glorias patrias estivessem: Carlos Trilho, Carlos Calixto, Carlos Olavo, Feio Terenas e tantas outras chagas da sociedade portugueza.

Decididamente, estamos dispostos a continuar a usar marmeleiro ou o arrocho, de que nos fallam os Miguelistas. Já é tempo de nos convencermos, de que temos que entrar no campo das ideias, e deixar de uma vez para sempre, o idolo homem, que tão funestas consequencias está trazendo á sociedade portugueza.

Demos ao estrangeiro, a noção bem triste da nossa mentalidade e do nosso servilismo ante qualquer audacioso que senhor do fraco do povo, tão habilidosamente se lhe sabe impôr. Se resuscitassem Camões, Herculano, Rodrigues de Freitas e Latino Coelho, morreriam logo de nojo e tedio, de terem nascido no Portugal dos Trilhos, dos Calixtos e dos Olavos!

Isto, não foi commemorar o anniversario da republica, foi canonisar santos da democracia.

OFFERTAS

Da Companhia Lisbonense de Estamparia e Tinturaria de Algodões, recebemos 3 lindos lenços estampados na officina d'esta companhia e que pela perfeição com que estão executados são dignos de se adquirirem, tanto mais que o desenho é allusivo á commemoração do 1.º anniversario da Republica. A' Direcção da Companhia Lisbonense agradecemos a gentileza com que nos distinguiu.

Fabrica da Pampulha

Tambem do nosso amigo Ignacio Costa, actual proprietario da acreditada Fabrica Eduardo Costa, (Successor) recebemos duas caixas da sua nova producção Presidente e sem edéa de réclame podemos garantir que o tal presidente (biscoito) é delicioso. Ignacio Costa lançou no mercado a dita marca a fim de commemorar o 1.º anniversario da Republica. Se o producto é magnifico, as caixas são simplesmente encantadoras, destacando se um explendido retrato a côres, do homenageado.

Egualmente agradecemos a Ignacio Costa a sua offerta, que, diga-se de passagem, em poucos minutos desappareceu, pois cá por casa, «ninguem gosta de bolos».

—Que as festas foram bonitas,
Imponentes e catitas!
—Que tiveram muita graça,
P'ra quem tinha alguma massa!
—Que houve muita caridade,
Mas... nem chegou a metade!
—Que os pobres desprotegidos
Foram bastante, esquecidos.
—Que houve n'esses grandes dias,
Muitas barrigas vasias.
—Que houve uns rasgos de fartura
Mas... foi sol de pouca dura
—Que para o anno que vem,
Dá se pão a quem não tem.
—Que haverá grande festim:
Não ha de sêr tanto assim!
—Que p'ra isto os «cidadãos»
Devem todos dar as mãos!
—Que, utilisando este meio,
As festas serão em cheio!
—Que a pobresa no tal dia
Terá alguma alegria!

Isso é uma ninharia!

A «Lucta» fallando do Colyseu diz: «Este costume dos dois espectaculos é muito antigo nos principaes paizes, principalmente na Inglaterra onde até a Rejane e a Sarah dão duas funcções por noite.»

Olha a grande coisa! Dar duas por noite...

Olha a pá! Olha a pá!

Vocês fazem pouco cá do Zé e não se lembram da Brites que só se contentava em assar sete de cada vez